



A cosmovisão cristã funciona também como um pano de fundo para o debate de questões complexas, temas em torno dos quais há um debate acirrado em nosso tempo. Com certeza um tema complexo, polêmico e extremamente sensível nos dias atuais é a questão da relação entre pessoas do mesmo gênero. Para poder situar este tema dentro de

uma cosmovisão cristã, vamos primeiro fazer uma análise histórica, depois elencar os argumentos da militância atual, em seguida compreender os textos bíblicos e por fim realizar considerações que possam nortear a reflexão cristã.

O fenômeno da atração e da consumação de uma relação entre pessoas do mesmo sexo não se restringe de maneira alguma a modernidade. A homossexualidade pode ser encontrada em praticamente todos os extratos da história, com relatos que vem desde o mundo antigo. Os gregos antigos já expressavam uma reflexão sobre esse tema no Mito de Urano¹. Urano seria uma divindade antiquíssima gerado espontaneamente por Gaia, a terra, que veio a casar-se sua própria mãe, com quem teve vários filhos. Contudo, por odiar seus filhos prendeu-os todos no interior de Gaia, embaixo da terra. Gaia, enfurecida incitou seus filhos contra Urano e foi o irmão mais novo Cronos que liderou a rebelião. Usando uma foice dada por Gaia, Cronos castrou seu pai Urano e jogou seus testículos ao mar.² Desse mito surgiu o termo “uranismo”, utilizado para designar a prática homossexual na antiguidade. A concepção seria de que as pessoas que mantinham relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo sofriam de uma disfunção da genitália, uma anomalia no funcionamento do órgão sexual, uma inversão que levaria o indivíduo a rejeitar o sexo oposto e desejar pessoas do mesmo sexo.

Platão, tentando também formular uma teoria em face da presença da prática homossexual em seu tempo, afirma que haveria três formas de pessoas: homens, mulheres e os andróginos que seriam seres que possuiriam uma dupla sexualidade, homem e mulher em um só corpo³.

A homossexualidade era uma prática comum nos círculos dos pensadores, obedecendo certas convenções culturais. Os mestres e tutores tinham incursões sexuais com os jovens aprendizes de filosofia. A relação sexual na maioria das vezes não incluía a cópula de fato e estava ligada à passagem do conhecimento do tutor para o discípulo⁴. Essa prática sexual entre tutor e aprendiz ficou conhecida como pederastia, do grego “*paidierastia*”, que significaria “amante de menino”.

Também haviam expressões de práticas homossexuais ligadas a expressões religiosas na Grécia Antiga, como as orgias prestadas ao deus Baco ou ainda práticas homossexuais consideradas normais, como no caso dos espartanos em campo de batalha.

Na concepção histórica tradicional, o início da repressão à prática homossexual sempre foi vinculada ao advento do cristianismo e sua ascensão como religião oficial do Império Romano no século IV. Essa tese foi aceita por muito tempo, até que Michel Foucault questionou esse modelo em sua obra em 3 tomos: *A História da Sexualidade*⁵. Apoiando-se em estudos de Paul Veyne sobre a sexualidade na sociedade romana antes do cristianismo realizados, Foucault chega a conclusão de que a ética que padronizava e restringia a sexualidade teve origem no estoicismo, escola de pensamento grego, e foi então apropriada pelo Império Romano,⁶ visando resguardar a procriação, ligando a homossexualidade ao desregramento social e à desordem.⁷ A procriação era um dos pilares de sustentação do Império Romano, que precisava de novos cidadãos que pudessem encorpar as fileiras militares do maior Império do mundo na época. Foucault mostra que o cristianismo não foi a única voz da antiguidade a reprovar a prática homossexual.

Já na Idade Média, elabora-se a relação entre a destruição de Sodoma e Gomorra com as práticas homossexuais, como tendo sido essas a causa da ira de Deus sobre as cidades, culminando com sua destruição.⁸ Essa relação entre a narrativa bíblica de Sodoma e Gomorra e a prática homossexual viria a cunhar um termo largamente usado na Idade Média para se referir à esta prática: sodomia. Novamente, há uma ênfase na homossexualidade enquanto prática, enquanto ato.

Contudo, com início do período moderno e o nascimento da ciência, a sexualidade passou a ser encarada por um viés mais científico e menos religioso ou moral. É dentro dessa perspectiva que devemos entender o que Foucault considera um fato marcante no discurso moderno ocidental sobre a sexualidade: o desenvolvimento de uma ciência sexual.⁹ Foucault nos chama a atenção para o fato de que enquanto no Oriente o discurso em torno do sexo é a fim de torná-lo o quanto mais prazeroso, o discurso sexual ocidental que proliferou enormemente nos séculos XVIII e XIX tem outro objetivo,

¹ PINHEIRO, Marília Pulquério Futre. *Mitos e Lendas*. Livros e livros, 2007. p. 5.

² Cícero afirma em sua obra *De Natura Deorum* que Urano era descendente dos deuses Éter e Hemera, o ar e o dia, indo contra a crença de que Urano seria um deus primordial, ou seja, sem filiação.

³ Platão, *O Banquete*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1977, p.47-50.

⁴ TORRES, Marco Antônio. *Os significados da Homossexualidade no Discurso Moral Religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas*. Revista Estudos de Religião: 2006, número 1, p.145

⁵ Os títulos dos tomos são, por ordem: *A vontade de saber*; *O uso dos prazeres*; *O cuidado de si*.

⁶ FOUCAULT, Michel (2004 [1978]). *Sexualidade e Poder*. In *Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.64

⁷ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. São Paulo, Rosa dos Tempos, 1988/1999, p.24

⁸ KOSNIK, Anthony (Org.). *A sexualidade humana. Novos rumos do pensamento católico americano*. Petrópolis: Vozes, 1977/1982, p.236

⁹ Idem, p.61

que é o de dizer o que o sexo é e como deve ser feito. A ciência sexual pretende normatizar, dizer o que é e o que não é, o que deve ser e o que não deve ser.

O mecanismo de poder sobre o indivíduo da Idade Média é baseado numa forte demarcação entre comportamentos sexuais tidos como corretos, e comportamentos tido como pecaminosos. Com o declínio da validade do discurso religioso no período do Iluminismo, essa visão da homossexualidade como pecado/perversão perde sua sustentação principal, visto que o discurso religioso deixa de ser o centro dos referenciais na modernidade.

Contudo, o mecanismo de controle da sexualidade, ao invés de falir, começa a buscar apoio teórico nas ciências médicas, na psicologia e na psiquiatria. Essa visão, baseada em um discurso pretensamente científico, opera através de binarismos para delimitar o que é certo e o que é errado, ou antes, o que é saudável e o que não é. O binarismo é um fenômeno muito intenso na modernidade, pois através de um parâmetro começa-se a estabelecer juízos de fato e de valor para delimitar, classificar e assim compreender a realidade. Nesse esquema binarista, a heterossexualidade monogâmica e exclusiva foi tomada como centro de referência através do qual as demais práticas foram reafirmadas como algo errado ou anômalo, por vezes patológico.

É dentro desse contexto que devemos compreender o momento em que, em 1860, o médico Karoly Maria Benkert (1824-1882) cunha o termo “homossexualismo” para se referir ao estado das pessoas que mantinham relacionamentos sexuais com pessoas do mesmo sexo¹⁰. Embora a compreensão do próprio Benkert sobre o homossexualismo fosse na direção de que seria um condicionamento advindo do nascimento e imutável, o termo foi usado largamente como sinônimo de doença, catalogado inclusive pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença psiquiátrica¹¹.

Acabava de se “inventar” o homossexualismo e o sujeito homossexual, criando um claro binarismo com a heterossexualidade. Aqui começa a acontecer uma mudança histórica muitíssimo importante: enquanto no passado olhava-se pela perspectiva do ato, agora o discurso tende cada vez mais para a perspectiva da pessoa. Deixa-se de falar em ato homossexual para concluir que o indivíduo é homossexual. Enquanto ato, a homossexualidade poderia ser classificada como certa ou errada, mas quando se assume que a pessoa é assim, a tendência é de pensarmos que o ato somente exterioriza o que ela é. Portanto, começa a crescer uma militância cada vez maior tomando a mesma roupagem da militância das minorias – mulheres, negros, portadores de necessidades especiais – em um ajuntamento crescente daqueles que não se encaixavam na heterossexualidade monogâmica a fim de validarem sua própria forma de ser.

Após a década de 60, com o surgimento daquilo que muitos chamam de Pós-Modernidade, assistiu-se a praticamente um declínio das metanarrativas, especialmente a cristã, gerando um quadro de relativismo moral em todos os campos. Como afirmou Dostoievsky: “se Deus está morto, tudo é permitido”¹². Este contexto de relativismo moral se tornou o ambiente ideal para a voz de Freud, que se tornou talvez a voz mais influente da sexualidade Pós-Moderna. Enquanto a modernidade tinha concentrado seu discurso na normatização da sexualidade, Freud postulou que as doenças que apinhavam os consultórios psiquiátricos tinham raiz no desejo negado, escondido no profundo do subconsciente.

Freud, remando contra a maré do moralismo exacerbado da sociedade vienense, desfralda então o tema que havia sido calado no discurso da sexualidade ocidental por tantos séculos: o desejo, o sexo como fonte de prazer. Para Freud “a diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa de certo reside em que os antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto”.¹³ Ou seja: não importa o objeto, todo desejo é válido e deve ser levado a cabo. Essa é outra forma de dizer que o desejo sexual, por si só, é visto como legítimo, independente de qual seja.

Em uma conferência sobre sexualidade e poder realizada por Foucault em Tóquio, no ano 1978, o pensador ventila de forma jocosa a verdade de que a sexualidade sempre fora algo essencial no ocidente, e este posicionamento central da sexualidade na cultura estava se tornando cada vez maior.¹⁴ A centralidade da sexualidade no ocidente pós-moderno foi uma dos fatores que colaborou para a transformação da prática homossexual em uma ideologia homossexual, uma homossexualidade que não é mais uma coisa que se faz, mas algo que se é, passa a ser uma identidade.

O próprio termo homossexualidade aponta para uma compreensão muito diferente dos termos anteriores, pois o sufixo aponta para uma forma de ser, e não apenas uma prática. Vemos o surgimento de uma ontologia, ou seja, um discurso homossexual que na verdade está ligado ao ser do indivíduo, sua própria essência enquanto sujeito.

Assim, vemos homossexuais se engajarem em uma grande militância, de forma a se equipararem aos negros e às mulheres em seus movimentos. A sexualidade deixa de ser vista como prática, para ser vista como ontologia, da mesma forma que alguém se define como mulher ou negro por sê-lo de fato. Nasce o homossexual, não como praticante, mas como ser. Temos que compreender a militância homossexual por direitos e inclusão dentro desse panorama. A luta não é apenas por direitos, mas é uma busca pelo ser, uma militância pelo direito de ser. A construção de si mesmo a partir da sexualidade, no caso, da homossexualidade, é uma das molas propulsoras da militância pelos direitos dos homossexuais.

¹⁰ NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 220

¹¹ NUNES, Eliana; RAMOS, Kátia Perez. *Homossexualidade humana: estudos na área da Biologia e da Psicologia*. INTELLECTUS – Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional – ISSN 1679-8902, p.5

¹² CHEVITARESE, L. (2001): *As 'Razões' da Pós-modernidade*. In: *Analógos. Anais da I SAF PUC*. RJ: Booklink. (ISBN 85-88319-07-1), p.8

¹³ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) – v. 7. In: Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.141

¹⁴ FOUCAULT, Michel (2004 [1978]). *Sexualidade e Poder*. In *Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.76